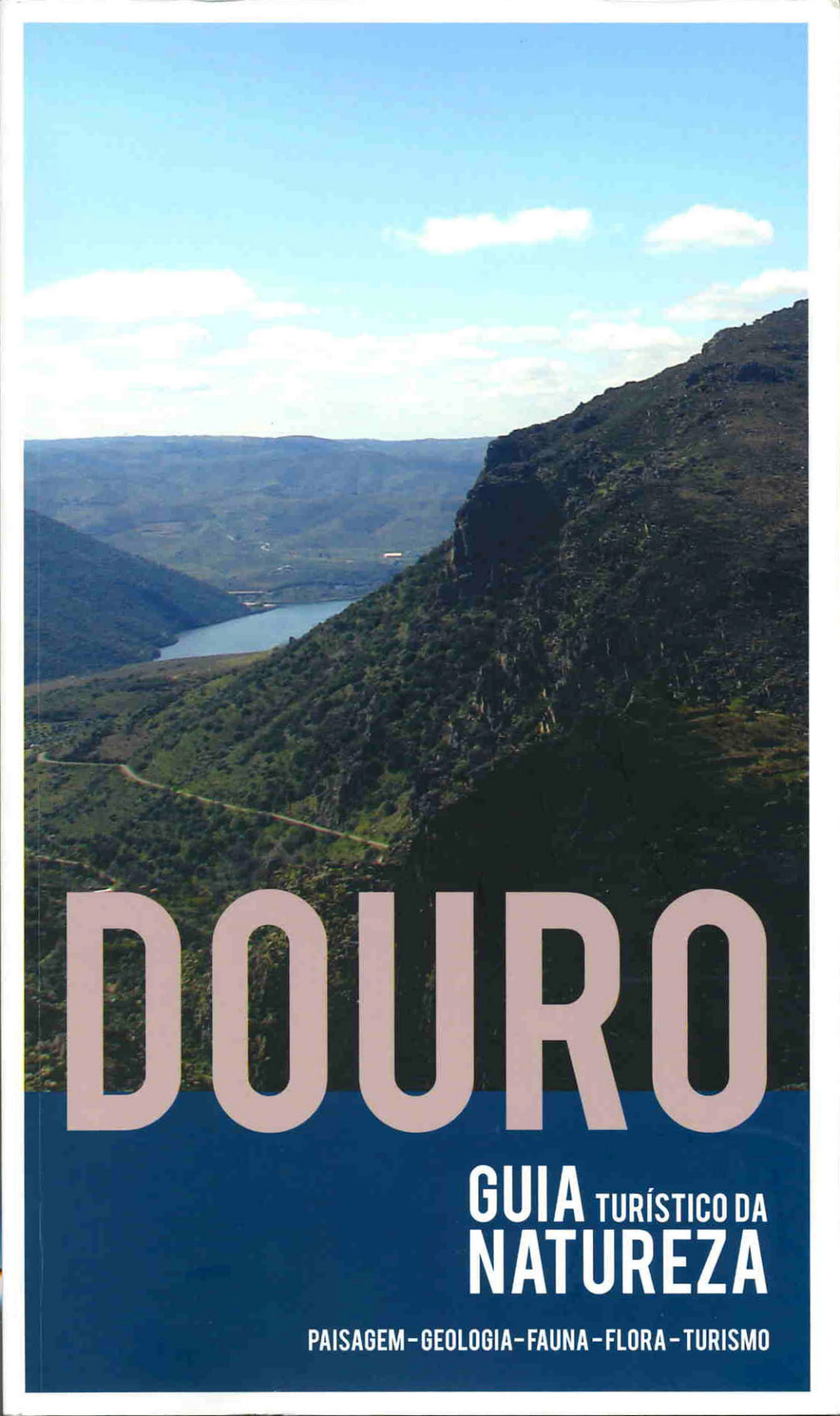




DOURO

GUIA TURÍSTICO DA
NATUREZA

PAISAGEM - GEOLOGIA - FAUNA - FLORA - TURISMO

Museu do Côa

A Arte da Luz no Douro Superior

A revelação do Cavalo de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta), em finais dos anos 70 do século passado, foi o primeiro episódio de uma das mais fascinantes descobertas arqueológicas em Portugal, que são os ciclos rupestres de arte pré e proto-histórica, distribuídos pela bacia do Douro superior português.

Mazouco é o primeiro conjunto de ar livre com gravuras atribuíveis ao Paleolítico superior, e o sítio revelar-se-ia uma descoberta seminal, já que era um dos raríssimos exemplos de gravuras da Idade do Gelo que eram descobertas fora do habitual ambiente de gruta em que, até então, se confinavam todas as descobertas gráficas da arte dos caçadores-recoletores do Paleolítico superior europeu.

Estávamos, afinal, a destapar a ponta do véu de uma autêntica Arte da Luz, assim chamada por oposição a uma Arte das Trevas, a habitual situação de jazida típica dos ambientes subterrâneos das cavernas. O Douro e, em particular, os seus afluentes Côa e Águeda (Siega Verde), viriam a revelar, nos anos seguintes, o mais importante, denso e significativo grupo mundial de arte paleolítica ao ar livre.

Hoje, mais de 30 anos após a revelação do painel decorado de Mazouco, são conhecidas muitas centenas de rochas com gravuras e algumas raras pinturas, com milhares de motivos figurados, estando a maior destas concentrações nos últimos quilómetros do Baixo Vale do Côa, até à sua foz. Sítios como a Canada do Inferno, a Penascosa, a Ribeira de Piscos ou a Foz do Côa são hoje lugares incontornáveis no mundo da arqueologia rupestre pré-histórica e o Vale do Côa tornou-se um nome tão sonante na procura da arte das origens quanto o são Altamira, Lascaux ou Chauvet.

O estudo intenso e continuado de todas estas manifestações rupestres e o seu contexto arqueológico já, relativamente melhor conhecido, permite-nos hoje afirmar que a sua cronologia se alonga entre cerca de 30.000 e 12.000 anos antes do presente. O primeiro período é o Gravettense e é, desde logo, um dos mais interessantes, pois é caracterizado por uma maior abundância de gravuras obtidas por picotagens profundas, ainda hoje bem visualizadas por um qualquer observador. É a este período que pertencem também a quase totalidade dos outros sítios entretanto descobertos fora da área do Côa e de Siega Verde e que são: no Vale do Sabor os sítios do Pousadouro (Grijó de Parada, Bragança), Sampaio (Milhão, Bragança), Ribeira da Sardinha (Felgar, Torre de Moncorvo) e Fraga Escrevida (Paradinha Nova, Bragança); a que se devem acrescentar as pinturas da Fraga do Gato no Parque Natural do Douro Internacional (Poiães, Freixo de Espada à Cinta), as notáveis gravuras descobertas em 2010 da margem direita da foz do Tua e o auroque da rocha Mário Reis, do sítio de Redor do Porco, no Parque Natural do Douro Internacional (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo), identificado já em 2011, na margem esquerda do Águeda, a que se seguirão seguramente novas descobertas. Muita desta arte rupestre estará há muito submersa pelas barragens da bacia do Douro, já que a sua situação preferencial de jazida são os vales fluviais e ribeirinhos.

O segundo período da arte glaciár, que tem o seu epicentro no Vale do Côa, pertence ao Magdalenense e distribui-se pelos últimos milénios do Paleolítico até há cerca de 12.000 anos antes do presente. É caracterizado por um tipo de representações mais finas, incisas, com as figuras muitas vezes obtidas por traços múltiplos e densos, mas atualmente, de muito mais difícil visualização. Tem na

foz do Côa a sua maior área de expansão, mas conhecem-se exemplos deste tipo de gravuras um pouco por toda a região.

Entretanto, a descoberta do sítio do Vale da Casa, em 1982, num antigo terraço do Douro, que ficaria integralmente submerso pela albufeira da barragem do Pocinho, seria o segundo episódio da descoberta dos ciclos rupestres desta região, já que foi o primeiro conjunto de achados com gravuras da II^a Idade do Ferro (II^a metade do 1^o milénio aC), que constituem o segundo e mais importante ciclo rupestre em toda esta região. Descobertas posteriores viriam, igualmente, a ampliar o conjunto de achados deste período, contando-se hoje também por mais de cinco centenas as rochas conhecidas com arte rupestre da II^a Idade do Ferro. Estas representações figuram normalmente guerreiros armados, montados em cavalos ou apeados e vários tipos de animais, de que os mais significativos são os cavalos, os cães e os cervídeos. São as evidências de uma espécie de Idade Heroica nos últimos séculos imediatamente anteriores à conquista romana da região, demonstrando a existência, aqui, de uma sociedade estratificada e dominada por elites guerreiras, que conheciam já bem a tecnologia do ferro, mas quase desconhecedoras ainda da escrita, da qual só se conhece um único exemplo rupestre em toda a região. Deixaram-nos um preciosíssimo legado artístico riscado nos inúmeros paredões dos xistos rasgados pelos vales fluviais, em particular na zona da foz do Côa.

Sobrepondo-se muitas vezes às mais antigas figurações paleolíticas, grande parte destes testemunhos estão hoje englobados no Parque Arqueológico do Vale do Côa, criado expressamente para a sua proteção, em agosto de 1996, sendo o conjunto de sítios rupestres classificado como Património da Humanidade, em dezembro de 1998.

Uma síntese de todo este legado rupestre pode, atualmente, ser apreciada no Museu do Côa e nas propostas de circuitos que estão disponibilizadas.



Museu do Côa
Tel. 279 768 260
museu@arte-coa.pt

Ficha Técnica

Propriedade

Turismo do Douro

Produção

Longomai - Consultadoria e Serviços

www.longomai.pt

Coordenação

Samuel Tapada

Textos

Alberto Tapada

Análise de Informação

Rosa Maria Osório | Manuel Tapada

Design Gráfico

Filipe Alves

Colaboração Científica

A. Gonçalves Guimarães | Alcino Oliveira | Alexandra Cerveira Pinto | Alice Gama

António Crespi | António Martinho Baptista | António Monteiro | Aurora Monzon

Elisa Preto | Hugo Costa | João Carlos Baptista | José Martinho Lourenço

José Ribeiro | Rui Cortes

Associação de Criadores do Maronês | Associação Campo Aberto | AETUR

UTAD | ICNB | Pantorra

Fotografia

Alberto Tapada | António Martinho Baptista | Aurora Monzon | Erik (ATN)

Fernando Peneiras | João Cosme | José Braga Amaral | Marco Aurélio Peixoto

Paulo Santos | Samuel Tapada

Municípios | Turismo do Douro

Contributos Literários

Alice Gama | António Martinho Batista | António Monteiro | Hugo Costa

João Carlos Baptista | José Ribeiro

IPTM | Pantorra

Impressão

Greca - Artes Gráficas

Tiragem

1.200 Exemplares

Depósito Legal

338740/12